

JODI PICOULT: NOVOS CAMINHOS PARA A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

Carla Alexandra Ferreira
Raquel Terezinha Rodrigues

Resumo: O objetivo deste artigo é, refletir, por meio da leitura do romance *Leaving Time* (2014) de Jodi Picoult, sobre os caminhos para que apontam os textos de autoria feminina no contexto estadunidense contemporâneo. Esse olhar será guiado pelas discussões apresentadas por Elisabeth Badinter (2005) sobre os rumos que o feminismo tomou a partir da década de 1990 e pelas reflexões de Judith Butler (2012) para o conceito de mulher na trajetória do movimento feminista e as declarações de Elaine Showalter sobre a ficção feminina contemporânea dos Estados Unidos. Picoult, por meio desse romance complexo, construído por múltiplas vozes e gêneros, fala de um momento, principalmente a seu público estadunidense, da necessidade de revisões, de novos caminhos, de se repensar os conceitos estabelecidos sobre amor, família, e maternidade. Partindo do mote da relação entre elefantes, e da busca de uma adolescente pela mãe desaparecida por dez anos, as protagonistas percebem a necessidade de se pensar diferente, de se relacionar de modo diverso, de não optar pela vitimização, ou como aponta Alice, a pesquisadora dos elefantes africanos, pelo “pensamento em círculos”. Para além do mistério sobrenatural, o romance discute como as perdas e partidas, as separações, desestabilizam verdades pessoais e, por conseguinte, sociais, alinhadas com a fragmentação textual, de vozes presente no romance, não nos permitindo categorizações. Na busca pela mãe, Jena experimenta um relacionamento familiar diferente. Cada personagem precisa se despojar de suas ideias pré-estabelecidas e perceber que seu caminho está por fazer, assim como a proposta de novos rumos para lidar com a questão da(s) mulher(es) na contemporaneidade.

Palavras-chave: Feminismos. Jodi Picoult. Literatura estadunidense.

Abstract: The purpose of this article is to reflect on the paths towards which texts written by women in the contemporary American context point out, by reading the novel *Leaving Time* (2014) by Jodi Picoult. This view will be guided by the discussions presented by Elisabeth Badinter (2005) about the directions that feminism has taken since the 1990s, by

the reflections of Judith Butler (2012) about the concept of woman in the trajectory of the feminist movement, and the statements of Elaine Showalter on contemporary female fiction from the United States. Through this complex novel, built by multiple voices and genres, Picoult speaks of a moment, mainly to her American audience, of the need for revisions, new ways, and rethinking the established concepts about love, family, and motherhood. Starting from the motto of the relationship between elephants and the search for a teenager for her mother, who had disappeared ten years before, the protagonists perceive the need to think differently, to relate differently, not to choose victimization, or as Alice, the researcher of African elephants, puts it, “thinking in circles.” In addition to the supernatural mystery, the novel discusses how losses and departures, separations, destabilize personal and, therefore, social truths, aligned with the textual fragmentation, voices present in the novel, not enabling categorization. In the search for her mother, Jena experiences a different family relationship. Each character needs to get rid of their pre-established ideas and realize that their path is yet to be made and the proposal of new directions to deal with women’s issue in contemporary times.

Keywords: Feminisms. Jodi Picoult. American Literature.

INTRODUÇÃO

Ao comentar a declaração de Ian McEwan sobre o fim da era dourada da literatura norte-americana, pela ocasião da morte de John Updike (1932-2009), Elaine Showalter argumenta que embora a perda tenha sido, de fato, significativa para aquela literatura nacional e para a ficção em geral, há muitas escritoras norte-americanas contemporâneas que lidam com os temas considerados mais sérios para o cenário literário norte-americano. Para a autora, essas mulheres estiveram, por muito tempo, em

desvantagem em relação aos considerados grandes nomes da literatura nos Estados Unidos. Por muito tempo, ficaram fora da história literária de seu país e, ainda, tiveram que conseguir seus lugares no campo literário, antes de poderem lidar com temas presentes, por exemplo, na ficção de Updike. Showalter diz que mais recentemente as autoras têm conseguido ampliar seus temas e revisitar a história norte-americana em suas obras.

Jodi Lynn Picoult, nascida em 1966, no estado de Long Island, é uma dessas autoras que tem escrito prolificamente sobre os mais variados assuntos relacionados, direta ou indiretamente, à história e sociedade norte-americana. Seus romances, traduzidos para 35 países, lidam com mulheres nas mais diversas situações culturalmente localizadas, evidenciando o comentário de Gillian Beer (apud SHOWALTER, 2009) sobre os temas presentes nos trabalhos apresentados para o prêmio Orange, em 2002. Para Beer as autoras escrevem numa rede de abrangência maior sobre guerras, relações familiares, comunidades, mudanças nacionais, terrorismo e história.

Partindo dessa declaração de Showalter para a escrita de autoria feminina nos Estados Unidos, o objetivo deste artigo é, exatamente, refletir, por meio da leitura do romance

Leaving Time (2014) de Picoult, sobre os caminhos para que apontam os textos de autoria feminina no contexto-norte americano contemporâneo. Esse olhar será guiado pelas discussões apresentadas por Badinter (2005) sobre os rumos que o feminismo tomou a partir da década de 1990 e pelas reflexões de Judith Butler para o conceito de mulher na trajetória do movimento feminista.

FEMINISMO: UM OUTRO MOMENTO

A década de 1990 viu uma mudança importante no cenário dos estudos feministas. As conquistas obtidas nas duas primeiras ondas, seus propósitos e encaminhamentos são revistos, ampliados e problematizados. Bonnici comenta que em tempos pós-modernos, temos um processo mais inclusivo para a questão de gênero, dizendo que “ao longo desses anos que nos separam desses dois períodos, o feminismo desabrochou em feminismos” (2007, p. 14). O crítico destaca que embora o termo tenha uma definição comumente aceita como movimento internacional histórico e culturalmente muito diversificado que crê “na igualdade sexual acoplada ao compromisso de erradicar qualquer dominação sexista e de transformar a sociedade, associado a uma experiência compartilhada da ‘opressão feminina’” (BONNICI, p. 87), seria mais adequado falar em feminismos,

ideia mais abrangente que contempla várias esferas das ações feministas assim como as diferenças históricas, culturais e nacionais que as lutas feministas tiveram em países fora do contexto eurocêntrico.

Também recuperando a história da primeira e segunda ondas feministas, no contexto anglo-americano e francês, Elizabeth Badinter (2005), aponta para os desdobramentos de um novo momento para o movimento feminista na década de noventa. A estudiosa discute que os anos de 1990 viram uma avaliação dos momentos anteriores, das conquistas alcançadas e a necessidade de mudança de rumos. Para Badinter, o passo inicial é dado pela publicação, na França, de *O basta das Supermulheres* de Michele Fitoussi, que problematizava um sentimento das mulheres do período, em relação aos resultados obtidos em sua luta emancipatória. A teórica nos diz que:

Como a ideia de um retorno à situação anterior era inconcebível e como estava fora de cogitação sacrificar a vida familiar ou profissional, a maioria das mulheres sentia-se obrigada a ir em frente, custasse o que custasse, no caminho traçado por suas mães. Entretanto, já não era hora de conquistas risonhas. Estas deram lugar a uma orientação psicológica que viria a se fundir com uma nova sensibilidade social. (BADINTER, 2005, p. 15)

Essas mulheres perceberam que, embora tivessem alcançado direitos legais quanto à sua produtividade e em relação à maternidade, as conquistas as levaram a trabalhar mais e assumir mais responsabilidades, ainda em desequilíbrio com as atividades desenvolvidas pelos homens. Diante desse quadro, a mulher dos anos 1990, viu-se envolta em um sentimento inicial de desapontamento para com o homem (que já não queria, segundo a autora, participar da disputa), seguido do ressentimento, e posteriormente de uma vitimização da mulher. Para a estudiosa, essa postura conduziu a uma busca pela recuperação e melhoria desse relacionamento homem-mulher – um rumo equivocado, pois a ideia da igualdade fora posta de lado. Para Badinter, trata-se de uma regressão ao modelo tradicional da maternidade e à “hipócrita pureza erótica”. A autora ainda destaca que esse caminho está pautado na acentuação da diferença, que vem de uma visão naturalizante e biologicamente pensada sobre homens e mulheres.

A partir da reflexão sobre a história do feminismo, Badinter questiona:

Quais os verdadeiros progressos obtidos nos últimos 15 anos? Será que o discurso feminista midiático que hoje se escuta reflete as preocupações da maioria das mulheres? Que paradigmas, feminino e

masculino, procura ele promover? Que modelo de sexualidade pretende impor? (2005, p. 19)

O binarismo polarizante apontado por Badinter é discutido e desconstruído por Judith Butler, quem, nos dizeres de Bonnici, “Efetivamente, [Butler] tem transformado o desenvolvimento do movimento feminista nos Estados Unidos de uma maneira radical e, para muitas feministas, é ela que define o que é atualmente o feminismo. (2007, p. 35). Em *Problemas de Gênero* (1990, 2012), Butler propõe repensar teoricamente a “identidade definida” das mulheres como categoria a ser defendida e emancipada no movimento feminista. Para a estudiosa há que se questionar, entre outras coisas, o conceito de “mulheres” como sujeito do feminismo. Zolin nos esclarece que:

Em *Problemas de Gênero* (2003) Judith Butler reformula a crítica às categorias de identidade produzidas e naturalizadas pelos discursos hegemônicos, fazendo definitivamente cair por terra a lógica do essencialismo que rondava a noção de mulher em favor do desnudamento do sujeito do feminismo como uma categoria multifacetada e instável. (2009, p. 238)

Butler, portanto, partindo do questionamento de uma visão binária de masculino/feminino, na noção de “mulher”

como sujeito do feminismo, e as implicações que essa redução acarretaria para a questão feminista, declara que “Embora afirmar a existência de um patriarcado universal não tenha mais a credibilidade ostentada no passado, a noção de uma concepção genericamente compartilhada das “mulheres”, corolário dessa perspectiva, tem se mostrado muito mais difícil de superar” (2012, p. 21).

Essas intervenções dialogam com o posicionamento de Showalter sobre a autoria feminina norte-americana que, apesar da desvantagem histórica em relação aos autores homens, têm ampliado o escopo de seus assuntos para pensar o ser mulher no contexto em que essas obras são escritas. Neste sentido, investigar como Jody Picoult, no cenário da literatura norte-americana contemporânea, se estabelece enquanto autora pode nos dizer sobre os rumos que o feminismo, por meio da ficção, tem tomado – e estes, adiantamos, apontam para um momento em que algumas lutas são revisitadas e novos caminhos propostos.

JODI PICOULT: UMA NOVA VOZ FEMININA

De carreira precoce, com reconhecimento nacional em 2008, pela publicação de *Nineteen Minutes*, Jodi Picoult tem com seu romance *Change of Heart*, fama mundial. Partindo de experiências cotidianas e de posterior pesquisa sobre

o assunto com que vai lidar (no caso de *Nineteen Minutes* visitou um corredor da morte, por exemplo) os romances dessa autora trazem questões que ao mesmo tempo em que são individuais, partem de suas impressões e respostas diante de alguns fatos, são ampliados semanticamente para um diálogo com um panorama histórico social norte-americano específico para as questões de gênero, primordialmente. Suas protagonistas aparecem em meio a protestos, massacres, pena de morte, suicídio, discussões sobre os direitos gays, entre outros assuntos que circulam socialmente e que para aquela sociedade, especialmente, são temas sensíveis e suscetíveis ao debate.

Essas questões, para o público leitor de Picoult, são postas em debate e lhes é solicitado pensar nessas situações dos mais variados pontos de vista. Picoult apresenta seu objeto para escrutínio e provoca seu leitor pelas possibilidades de se acessar diferentes ângulos de uma questão. Vejamos, por exemplo, a irmã, em *My Sister's Keeper* (2004) que tem sua vida definida até a adolescência por ser esteio de sua irmã doente. No momento em que se dispõe a pensar em si e em continuar ou não seguindo o que lhe fora eticamente determinado – doar o rim para a irmã doente –, uma série de questões morais, éticas e pessoais afloram e o problema que,

num primeiro momento é somente relacionado ao altruísmo da protagonista, apresenta outras facetas, igualmente legítimas, revelando dificuldades humanas e sociais. No romance, a jovem Anna Fitzgerald processa judicialmente os pais para conseguir emancipação médica e não doar o rim para a irmã Kate.

Picoult tem trabalhado com temas delicados, sobretudo para a sociedade norte Americana, como a constituir seu projeto literário para os estudos feministas: *Mercy* (1996) e *Lone Wolf* (2012) apresentam a questão da eutanásia; em *The Pact* (1998), a autora traz o suicídio juvenil; em *Second Glance* (2003), ela problematiza as leis de esterilidade; em *Sing You Home* (2011) o assunto de fundo é os direitos gays e, em *Small Great Things* (2016), por exemplo, Picoult discute questões raciais. Em setembro de 2020 (ano marcado pela pandemia do novo Coronavírus), Picoult publicou *The Book of Two Ways*, que reflete sobre decisões tomadas e arrependimentos que afloram em situações extremas, como a de uma quase morte por acidente de avião que a protagonista experienciou. Nesse mais novo romance da autora, a personagem principal reavalia sua vida diante da iminência da morte e se vê diante da possibilidade de novos rumos para sua vida.

Na obra de Picoult, as questões sociais, sobretudo no que diz respeito à comunidade de mulheres, aparecem de modo velado, permeando as relações interpessoais, a vida doméstica, na maioria das vezes. Longe de ser um recurso limitador, as questões vividas por personagens femininas críveis, veiculam ideias e diagnósticos daquele contexto e de outros, externos a ele. Vencido o desconforto, cabe ao leitor descobrir as camadas ocultas do texto onde os problemas, crenças e formações histórico-sociais, sobretudo para a questão de gênero, se encontra.

Jena, uma das protagonistas de *Leaving Time* diz que:

My grandmother let Gertie stay, probably because she thought it would help me adjust. If we're going to be honest here – I have to tell you it didn't work. I've always been a loner, I have never felt like I belong here. [...] I'm the princess in an ivory tower, except every brick is made of history, and I built this prison myself. (PICOULT, 2014, p. 15)

A história de que fala Jena vai além de sua história pessoal marcada pelo desaparecimento da mãe, ela envolve a história das mulheres que fizeram parte da vida da garota e de um contexto histórico-social onde se encontram essas mulheres, por exemplo.

Em entrevista para a *National Geographic* por ocasião da publicação de *Leaving Time* (2014), Picoult discorre

sobre seu processo de composição: partir de um assunto (geralmente veiculado pela mídia), apresentar uma resposta, e seu incômodo pessoal diante dele. Com o assunto em mãos, trabalha exaustivamente para seu desenvolvimento, principalmente dedicando-se à pesquisa de campo e leitura. Sobre *Leaving Time*, por exemplo, Picoult esclarece que começou a escrever o romance:

When I was in the process of becoming an empty nester. My daughter Sammy was headed off to school. I was thinking a lot of how we humans raise our kids to be self-sufficient enough to leave us – and how depressing it was for those who were left behind. That theme – of what happens to the people who are left behind – became what I wanted to write about.”

Then, I was reading something and learned that in the wild, an elephant mother and daughter stay together their whole lives until one of them dies. Given my frame of mind, it seemed so much more pleasant to do things the way elephants do. I began to dig a bit more about elephants, and their reaction to death, and what I uncovered became a metaphor for the novel.¹

As declarações da autora sobre a composição de *Leaving Time*, ao mesmo tempo que informam sobre o caminho a desvendar, no romance, apresentam um entrave para que se alcance questões mais profundas que subjazem a partida

1 JODI PICOULT: *Leaving Time*. *Nat Geo Live* (National Geographic Live). 2014. 1 vídeo (21 min 39 s). Available at: <https://www.youtube.com/watch?v=m9zVaDy6faQ&t=49s>. Accessed on: 8th Feb. 2021.

dos filhos – uma questão relevante para aquela sociedade – e a síndrome do ninho vazio. Embora o processo criativo descrito pela autora seja uma constante em seus textos, se desvendadas as estratégias de contenção (JAMESON, 1992), que, no caso deste livro, se concentra na questão da maternidade e da relação entre pais e filhos, *Leaving Time* apresenta uma discussão mais pungente sobre a desconstrução de padrões de pensamento sobre a família patriarcal de classe média norte-americana, sobre o casamento e as relações monogâmicas, sobre perdas e partidas que cada personagem vivencia.

OUTROS CAMINHOS

Leaving Time é um romance que se inicia com a narração de uma adolescente, Jena Meatecalf, que diz estar procurando sua mãe desaparecida há dez anos. Tudo que possui da mãe, que a deixou misteriosamente aos 3 anos de idade, é seu diário com anotações sobre sua pesquisa na África e nos EUA sobre elefantes. Jena, que desde o desaparecimento da mãe e internação do pai em uma clínica psiquiátrica, é criada pela avó materna, nos informa que buscará aliados para essa sua busca solitária – a vidente Serenity Jones, que perdera seus poderes, e o detetive afastado do cargo por alcoolismo, Virgil Stanhole.

Essa história de ausência, da complexa relação entre mãe e filha, nos é narrada por diferentes vozes que, no decorrer da narrativa se encontram e mostram que estão de alguma forma relacionadas. O enredo, fragmentário, é recuperado à medida que cada personagem narra sua história – todas ligadas a Alice, cientista, pesquisadora da vida dos elefantes e proprietária de um santuário para esses animais, desaparecida há 10 anos. Alice não narra sua história de modo convencional, mas sua voz nos é apresentada por meio de seu diário, em que anotava suas observações de pesquisa; e é por meio dele e das observações de Jena, que sabemos da grande metáfora do romance, os elefantes que figuram a capacidade de não se esquecer e a “habilidade” de lidar com as perdas, despedidas, com a “hora de partir” – o *leaving time*; e também, em um nível mais profundo de leitura do romance, figuram a presença da África, lugar para onde Alice vai após o acidente no Santuário dos Elefantes, nos Estados Unidos, e que traz outras visões e configurações para as relações patriarcais rasuradas no romance.

A ideia de trazer a imagem de um elefante para, de certa forma, se ligar a essas mulheres, se aproxima muito do conceito trabalhado por Noguera, citado por Aza Njeri, que é o da afroperspectiva, entendemos obviamente que

tal perspectiva não é a da autora, mas o conceito que é o modo de pensar e viver a partir de matrizes africanas, que contribui para que haja uma compreensão desse patriarcado representado pelo Elefante. A matriarca lidera a manada, composta de fêmeas reprodutoras; sendo assim, os machos vivem isolados desse contexto. O elefante é, portanto, um animal que simboliza a força e sensibilidade ao mesmo tempo e nos move em direção a essa força motriz que é a mulher, a única que pode reatar esses laços perdidos entre as personagens. E, a África, como sendo o berço da humanidade, e a mulher como a manutenção e o instrumento que, somente por meio dela, o enigma dessas vidas poderia ser revelado, abalando assim as esferas do que é real e do sobrenatural. Alice fala de como suas expectativas mudaram ao entrar em contato com esse espaço e experiências, distintas de sua origem:

When I first went to Botswana, I had been chasing knowledge, fame, a way to contribute to my field. But now, as my circumstances had changed my reasons for being in that game reserve had, too. Lately my arms hadn't outstretched to embrace my work. They'd been pushing away thoughts that scared the hell out of me. I wasn't running toward my future anymore. I was running away from everything else. A forever home. I wanted that. I wanted that for my baby. (PICOULT, 2014, p. 219)

Embora as personagens estejam todas ligadas à busca de Jena, cada uma fala de si e de suas perdas e dificuldades, reflexão que se acentua quando encontram a menina e começam a procurar pela cientista. O resultado é uma história feita de outras histórias e de gêneros textuais diferentes (mistério, detetive, sobrenatural, por exemplo). Sabemos, por exemplo, que Virgil é o detetive que fora responsável pela investigação do desaparecimento de Alice e das mortes no Santuário dos Elefantes, onde Alice trabalhava, e que na impossibilidade de resolver o caso, é afastado de suas funções, ou seja, o macho é separado da manada e as mulheres tomam as decisões; por fim ele fica deprimido e tenta, pelo fim de sua carreira, o suicídio.

A vidente Serenity Jones, por sua vez, vê seus poderes de comunicação com os mortos desaparecerem após tomar um rumo diferente em sua carreira que desagradava os espíritos. Serenity desvia-se de seu caminho ao buscar fama na resolução de um crime para um político importante e sua esposa. Na impossibilidade de obter informações do local onde estava o corpo da criança desaparecida, ela é desmoralizada na televisão, diante de todo o país, que esperava pela solução do caso. Quando Jena vai ao encontro dessas pessoas, e os convence a procurar pela mãe

desaparecida, ambos confrontam e processam suas dores passadas, quase em um ritual em busca da ancestralidade.

Nessa construção narrativa, a discussão que salta aos olhos e que vem das intervenções das personagens, é uma avaliação constante da atitude de Alice ao fugir do hospital sem deixar pistas. Para Jena, a mãe deveria ter um motivo muito forte para renunciar a uma bebê de três anos; para a avó materna, o assunto causava dor e impotência, e um certo ressentimento para com a filha; para o detetive, ela deveria ser culpada pela morte de uma funcionária do santuário dos elefantes; para o marido, ela o traíra e abandonara.

Sabemos pelas pistas encontradas que Alice, após o incidente, retorna à África e que, antes de seu desaparecimento, o marido soubera que ela estava tendo um relacionamento amoroso com Gideon (cujo nome bíblico refere-se ao um Juiz, no livro dos Juízes do Antigo Testamento e a um homem cheio de fé e do Espírito Santo, na carta aos Hebreus, no Novo Testamento). Ao saber do romance entre Alice e o marido, a esposa de Gideon se suicida e sua mãe jura vingança contra Alice.

O entendimento de Alice, na verdade, sobre os elefantes é quem dá a pista para a solução do mistério. De fato, por meio do olhar de Jena para as anotações da mãe, pode-se

pensar que o abandono não tem correspondência com as atitudes das matriarcas dos bandos de elefantes. No final, contudo, à medida em que o mistério se encaminha para seu desfecho, Alice (que nos chega por meio de suas anotações) compreende que essas relações familiares podem/devem ser reconfiguradas, que o amor permanece, mas não do modo em que é dito que deveria acontecer. É no santuário que as repostas são encontradas por Serenity e Virgil. Serenity encontra um dente e seu DNA (iniciativa científica dirigida por Virgil), mostra, ao final, que ele pertencera a uma criança abaixo de cinco anos, enterrada após sua morte por um dos elefantes do santuário. É nesse momento em que Jena se lembra de seu assassinato e de um dos elefantes a sepulta, como fazem com os restos mortais dos outros elefantes. Virgil igualmente percebe que cometera suicídio e que com as revelações feitas ao longo da investigação e com o desfecho poderia finalmente encontrar paz. Serenity também descobre que falava o tempo todo com dois espíritos – Jena e Virgil e que dessa vez conseguira localizar o local onde o corpo de uma criança morta encontrava-se.

Para além do mistério sobrenatural, o romance discute como as perdas e partidas, as separações, desestabilizam verdades pessoais e, por conseguinte, sociais, alinhadas com

a fragmentação textual, de vozes presentes no romance, não nos permitindo categorizações. Na busca pela mãe, Jena experimenta um relacionamento familiar diferente. Cada personagem precisa se despojar de suas ideias pré-estabelecidas e perceber que seu caminho está por fazer.

Duas questões, envoltas nessa problemática, aparecem com muita força, mas são as mais escondidas no texto. No desfecho, sabemos o motivo da fuga de Alice – a descoberta de sua traição ao marido, a morte de sua filha Jena e o temor por ser culpada pela morte da funcionária do santuário. A solidão e a partida forçada aparecem como punição, num primeiro momento, pela independência conquistada por Alice e pelas decisões que toma para a sua vida. A vitimização parece ter sido a saída. Contudo, uma proposta aparece, ainda que tênue, para um recomeço. É na rede de solidariedade (BUTLER, 2015) formada por Jena, Serenety e Alice, ao final do romance, que a virada acontece, ainda que em plano sobrenatural. Cada uma delas, entende, finalmente, a lição dos elefantes e percebem que, por exemplo, mãe e família se amam e se encontram de um novo jeito. A vidente, por sua vez, entende que as categorizações não a ajudam mais, é preciso ampliar e entender o amor de Jena e a mãe. O pai, na clínica, vive

do passado, mas Alice e Jena entendem que mesmo que fisicamente não estejam juntas, “se você pensa em alguém que amou e perdeu, você está junto a ela”. Jena nos diz, o resto são detalhes.

De fato, o romance lida como uma revisão do conceito de família patriarcal estadunidense, propondo uma relação diversa, plural, reconfigurada. Essa relação que Jena tinha com o pai e mãe biológicos, desfeita pela rasura no casamento, pela doença psiquiátrica do pai de Jena, a morte da criança, passa a uma família formada por Jena e sua avó (mesmo que em plano sobrenatural, como ao leitor é dado a conhecer no final) materna, para depois ser modificada para Jena, a vidente e o detetive. Esta é mais uma tentativa de uma família nuclear patriarcal, mas conduzida pela menina e principalmente por Serenity. No final, a mudança acontece, no que rasura a própria ideia religiosa monoteísta, e dá lugar às relações naturais e espirituais evocadas pelos elefantes africanos e pela religiosidade daquele continente, sobretudo pela possibilidade da convivência entre os planos espiritual e concreto, ou nos dizeres de Mia Couto, “a harmonia entre terra e espíritos” (2008, p. 110). Alice tenta voltar à ideia de família de seu passado, a um momento em que tinham sido felizes, ao visitar o marido na clínica em que estava

internado por dez anos. Contudo percebe que não há mais possibilidade de resgate daquele tempo, pois “Thomas was so trapped by the past that he can’t accept the future” (PICOULT, 2014, p. 389).

O futuro de Alice e Jena é possibilitado por Serenity, que se torna o elo entre o plano terreno e espiritual, lugar onde essa nova família pode acontecer e validar a lição aprendida dos elefantes. Por meio de Serenity, Alice vê e fala com Jena:

I am staring past the face of Serenity Jones into the mirror behind the hotel desk. But instead of seeing her pink updo, the hazy reflection is a messy auburn French braid.

It’s me, she says.

I draw my breath. “Jena?”

Her voice leaps triumphant. I knew it. I knew you were alive. [...]

She has grown up beautiful.

O laço entre essas mulheres, e a rede que estabelecem, possibilita uma reconfiguração familiar e uma nova possibilidade para mãe e filha, e para a vidente. Virgil, tendo concluído o caso e entendido que cometera suicídio, parte para o outro plano. Jena, ao contrário, trafega entre os dois mundos e continua a encontrar-se com sua mãe. No final do romance, Jena informa o leitor de que:

Sometimes, I go back and visit her. I go during the in-between time, when it’s not night and it’s not morning. She always wakes up when

I come. She tells me about the orphans who have arrived at the nursery. She talks about the speech she gave to the wildlife service last week. She tells me about a calf that has adopted a little dog as a friend, just like Syrah did with Gertie. I think of these as bedtime stories I missed.

Mãe e filha reconfiguram seu relacionamento e encontram-se agora num novo conceito de família, impossível naquela sociedade, mas viabilizada pela experiência africana, que vem da vivência de Alice naquele continente e da sua relação com os elefantes. O restabelecimento do vínculo entre elas é possível quando é evocada essa África como mãe de toda a humanidade, a ancestralidade que estava em desequilíbrio com o movimento diaspórico, causado pelo colonialismo. A harmonia é restabelecida quando mãe e filha se reencontram, mesmo em planos diferentes, pois somente depois de Alice ter vivido em um lugar cuja vida terrena e a vida em outro plano são entendidas como complementares, é viável a ela refazer os laços cortados com a filha. E em rede, as mulheres do romance refazem as suas vidas, quando a matriarca as conduz pelos caminhos outrora percorridos, como os elefantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jodi Picoult, por meio desse romance complexo, fala de um momento, principalmente a seu público estadunidense, de necessidade de revisões, de novos caminhos, de se repensar os conceitos estabelecidos sobre amor, família, maternidade. Partindo do mote da relação entre elefantes, as protagonistas percebem a necessidade de se pensar diferente, de se relacionar de modo diverso, de não optar pela vitimização, ou como nos diz Alice, a pesquisadora dos elefantes africanos, pelo “pensamento em círculos”. Ainda, segundo a personagem, é preciso entender que a hora de partir e deixar ‘partir’, embora dolorosa, é necessária e pode ser, como para aqueles animais, solene e mais simples. Alice declara que “There is no question that elephants understand death. They may not plan for it the way we do; they may not imagine elaborate afterlives like those in our religious doctrines. For them, grief is simpler, cleaner. It’s all about loss” (PICOULT, 2014, p. 53). O resto são apenas detalhes.

Nessa história, Picoult parte de uma experiência pessoal – a partida de sua filha para a universidade – que dialoga com uma questão social, que ainda é uma realidade nos Estados Unidos. Tanto pais como filhos acreditam que um

passo para a maturidade é sair da casa paterna e conquistar independência. Essa partida acontece geralmente quando o jovem/a jovem ingressam na universidade. Essa experiência de fundo que já é ampliada quando pensamos em comportamentos sociais (no romance, questionados) aparece, relacionada a outras questões, mais profundas, como as rasuras e novos rumos para a mulher, que por sua vez pede novos rumos para os estudos feministas. *Leaving Time* fala da partida e despedidas, de modos de lidar com ideias construídas para a questão de gênero, para a autoria feminina, como eco à declaração de Showalter sobre a seriedade dos temas femininos e à de Badinter sobre novos rumos para a crítica feminista.

Alice comenta, por meio de suas anotações, que os elefantes podem precisamente distinguir que é amigo e quem é inimigo, os perigos que os assaltam, e conclui que o ser humano carece dessa capacidade de reconhecer o melhor caminho, pois para ela, os elefantes não se esquecem. Neste sentido, uma saída apontada pelo romance é o das redes proposta por Butler (2015) em que os laços de afetos são mais importantes que as questões do capital que se resumem, grosso modo, ao sucesso profissional e material.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. *Rumo Equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e Crítica Literária Feminista: conceitos e tendências*. Maringá: EDUEM, 2007.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- NJERI, Aza *et al.* Mulherismo Africana: proposta enquanto equilíbrio vital a comunidade preta. *Ítaca*. n .36, p. 282, 2020.
- PICOULT, Jodi. *Leaving Time*. New York: Ballantine Books, 2014.
- SHOWALTER, Elaine. The female frontier. *The Guardian*, London, 9th May 2009. Available at: <https://www.theguardian.com/books/2009/may/09/female-novelists-usa>. Accessed on: Sept. 2020.
- ZOLIN, Lúcia Osana. “Crítica Feminista”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: Abordagens históricas e Tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2009.

Carla Alexandra Ferreira

Doutora.

Docente na UFSCar.

Lattes: <http://www.lattes.cnpq.br/5522506928191940>

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-2706-5766>

Raquel Terezinha Rodrigues

Doutora.

Docente na UNICENTRO, Campus Santa Cruz.

Grupo de Pesquisa Diálogos Literários (co-líder).

Email: raquelterezinha@unicentro.br

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2468134516070432>

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-2383-8813>